

# “O futebol é muito democrático”

**“Futebol Globalizado” é o tema do seminário que organizou, juntamente com João Nuno Coelho, e da última revista *Análise Social*. Como surgiu este projecto?**

Durante o Euro 2004, encontrei-me várias vezes com o João Nuno Coelho em eventos organizados em torno do Campeonato Europeu. Nos colóquios para os quais fomos convidados, levantámos vários tópicos de discussão que gostaríamos de ver tratados de uma forma mais abrangente.

**Um desses tópicos é precisamente o paradoxo do futebol em Portugal estar presente na vida do dia-a-dia da maioria da população e os estádios ficarem vazios.**

Abordamos essa questão no artigo “O Paradoxo do Jogo Português: a omnipresença do futebol e a ausência de espectadores nos estádios”. Como se explica a omnipresença do futebol na sociedade portuguesa, por um lado, e a ausência de espectadores nos estádios, por outro? Parece uma pergunta banal para quem vive em Portugal, porque estamos habituados a esta realidade ambivalente. Há estádios com capacidade para 30 mil espectadores e que recebem cerca de 800 adeptos por jogo.

**No entanto, também abordam outras questões mais globais.**

Hoje já não é possível analisar o futebol num só país. Os profissionais de futebol, tanto jogadores como treinadores, circulam entre vários países. Não é possível abordar esta problemática sem ter em conta o que se passa no resto do mundo, seja em África, nos Estados Unidos ou no Extremo Oriente, que têm entrado no jogo como novos poderes. E, no caso português, ao nível académico existia essa lacuna, até porque em Portugal não há muitos estudos sobre futebol, o que é pouco compreensível para académicos de outros países.

**As elites académicas não levam o futebol a sério?**

Não encarar o futebol como fenómeno social, como um lado importante da cultura contemporânea, e ver apenas a sua vertente económica, revela a dificuldade das elites académicas de distinguir o prazer e a beleza da cultura erudita. E não existe outro fenómeno na modernidade que traga tanta beleza e prazer aos indivíduos.

**O prazer e a beleza estão presentes no futebol?**

Sem dúvida! A esperança que existe no estádio, a forma como se participa num jogo... Por que é que vamos a um jogo? Para apoiar a nossa equipa, claro, mas, muitas vezes, é pouco provável

que a nossa equipa ganhe e os golos são raros no futebol de alta qualidade. Num estádio, espera-se conseguir ver uma bonita jogada, uma forma de beleza que tem muito a ver com a estética.

**Mas o que faz com que o futebol consiga movimentar tantos milhões de pessoas?**

O estádio ou o futebol são espaços na sociedade contemporânea onde ainda se pode viver emoções. Hoje não se encontram muitos espaços onde as pessoas se possam exprimir dentro de um descontrolo controlado. É a busca da excitação de que falou Nibert Elias. O futebol define-se como sendo um terreno de paixões, emoções, rivalidades. Para tal contribuem os mega-eventos.

**Como se explica a euforia que se viveu em Portugal durante o Euro 2004?**

Há vários aspectos a ter em conta. Primeiro, o Euro 2004 foi um mega-evento, o que implica uma lógica específica, semelhante por exemplo à da Expo 98. Ou seja, o que se passou não tem apenas a ver com o futebol em si, mas também com este tipo de evento festivo. Basta ver as diferenças na composição dos adeptos!

**Nesse caso, valorizou-se mais a festa?**

Exacto! Compreender o futebol como um fenómeno nacional é, sociológica e historicamente errado. O futebol não é filho da nação! Claro que na festa acaba também por se celebrar a nação. O futebol serve para fabricar um sentido de pertença, de união, de igualdade. Por isso as elites políticas gostam tanto de usar o futebol. Mas o carácter destes mega-eventos acaba por ser mais internacional do que nacional. Durante o Euro 2004 vieram para Portugal adeptos do México, Japão, países que nem participavam na competição. Claro que é um facto que se canta o hino nacional nestas cerimónias, mas isso acontece de uma

forma ritualizada. A música que os adeptos cantam quando saem dos estádios é “We Are The Champions”. São mais os *opinion makers* que fazem disto um tema relacionado com a ideia de nação, do que os adeptos. Além disso, sentia-se um certo orgulho nacional durante o Euro 2004 que tinha a ver com a forma como os portugueses organizaram o evento em si e receberam os convidados. E, como Portugal é um país semiperiférico, isto proporcionou a oportunidade de as pessoas participarem num acontecimento de grande dimensão.

**O futebol não funciona como forma de distrair as atenções das pessoas de outros assuntos mais relevantes?**

No que diz respeito às decisões económicas, políticas e até mesmo as que têm a ver com a educação, as pessoas sentem que não têm voz activa. A participação nesses assuntos é limitada a círculos de pessoas com dinheiro ou estudos. Nesse sentido, o futebol é muito democrático e serve como forma de compensação. E não acredito que isso afecte o pensamento crítico das pessoas sobre a exclusão na participação social ou na cidadania activa. Mesmo quem gosta de futebol e absorve toda a informação que circula nos *media* sobre o assunto, mantém uma perspectiva crítica. À terceira frase, estão a queixar-se dos hospitais ou do sistema educativo. A omnipresença do futebol nos *media* não cala as pessoas.

**Mas nem todos podem participar de igual forma no futebol.**

Hoje, na era do futebol globalizado, a situação tornou-se ambivalente: o capitalismo neoliberal domina a indústria futebolística, e o futebol tornou-se menos democrático nas últimas décadas. No entanto, este desenvolvimento também traz consigo uma nova forma e qualidade democrática, visível no protesto organizado de adeptos contra a venda dos seus clubes ou dos nomes dos seus estádios, como aconteceu em Inglaterra e na Alemanha.

**Tem clube?**

Aqui em Portugal ninguém leva a sério a minha paixão pelo futebol se não disser que tenho

clube! Isto é muito português. Quando estava na Alemanha tinha um clube, escolhido mais por razões políticas. Hoje em dia não sigo a vida desse clube, porque não vejo a televisão alemã.

**“O futebol assume uma importância muito significativa na vida de muitas pessoas, não só em Portugal, mas no mundo inteiro, quase independentemente das suas condições de vida.”**

Claro que não é desculpa, porque todas as comunidades emigrantes continuam a seguir a vida dos seus clubes. *A Bola* é o jornal mais lido nas várias comunidades emigrantes portuguesas. Para mim, vem primeiro o jogo, depois o clube e, em último, a selecção. Como toda a gente, adoro ver os jogos da Liga dos Campeões por causa da qualidade do futebol que ali se joga, independentemente dos clubes.

**E tem algum clube português?**

Sou benfiquista, muito por causa da influência familiar. Vou regularmente ao Estádio da Luz ver os jogos, mas admito que durante algum tempo gostava de ver o F.C. Porto jogar. E isto é algo que um verdadeiro benfiquista nunca poderia sentir! O que mais me importa é a beleza do jogo. Quando não estou tão envolvida emocionalmente, consigo apreciar melhor o jogo, porque não estou a sofrer. Ser adepto de um clube implica muito sofrimento.

**Neste Campeonato do Mundo vai sofrer por Portugal ou pela Alemanha?**

Por Portugal! Para mim, é muito lógico! Vivo cá e nem sequer conheço os nomes dos jogadores da selecção alemã, além de dois ou três. Sem seguir os jogadores durante a época e conhecer o estilo e capacidades de cada um, sem saber

esses pormenores, não consigo torcer pela Alemanha. Para se sentir prazer a ver futebol é preciso ter um certo conhecimento do jogo e dos participantes no jogo. Caso contrário, pode ser uma seca.

**Foi já em Portugal que se dedicou a estudar o futebol como fenómeno social?**

Mudei-me para Portugal há seis anos. Na Alemanha toda a esquerda crítica da minha geração estava afastada do futebol. Cá conheci um outro modo de viver o futebol em sociedade, mais agradável do que na Alemanha. E, devido também à influência familiar, a minha paixão pelo futebol aumentou novamente.

**Mas escolher um objecto de estudo e ter uma paixão, são duas coisas muito diferentes.**

Em geral, ter uma paixão por esse objecto de estudo não ajuda, porque, enquanto investigadores, temos de manter uma certa distância. E, relativamente ao futebol, a questão torna-se ainda mais complicada. Somos todos muito críticos em relação ao capitalismo empresarial, mas, quando chegamos ao terreno futebolístico, desfaz-se o nosso juízo crítico.

**Mas nem por isso deixa de ser um importante fenómeno social.**

O futebol assume uma importância muito significativa na vida de muitas pessoas, não só em Portugal, mas no mundo inteiro, quase independentemente das suas condições de vida. O sonho dos mais novos se tornarem jogadores profissionais, o sonho que o jogo em si proporciona, a participação em eventos, quer ao vivo quer através da televisão, é comum a esses milhões de pessoas. E, como socióloga, não posso ignorar um fenómeno tão importante na sociedade contemporânea. Além disso, o futebol representa um desafio especial enquanto objecto de estudo. Fala-se muito de futebol, há muitos especialistas de futebol, porque ninguém precisa de um grau académico para falar sobre futebol, mas, por outro lado, há muitos preconceitos no que se diz sobre futebol. Há poucos temas sobre os quais é tão complicado escrever, talvez com excepção da música e da comédia. ✕



Quem é **Nina Clara Tiesler**

Investigadora Associada Sénior do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, onde tem desenvolvido trabalho de investigação nas áreas de Antropologia e Sociologia. Nos últimos anos, dedicou-se ao estudo do futebol.